

SOS ianomami

Severo Gomes

Não sei quantas vezes escrevi nesta coluna sobre a questão ianomami. A última foi em 18 de junho de 1989 e que reproduzo:

"Nunca houve na história do infortúnio dos índios brasileiros um genocídio com as características que cercam o fim do povo ianomami. É o maior grupo étnico existente e habita há mais de 3 mil anos a área montanhosa da nossa fronteira com a Venezuela. É também a cultura mais preservada entre as mais antigas que povoam a face da Terra. Com o avanço dos garimpeiros em busca do ouro, começou a dizimação.

"Há um par de anos eram pouquíssimos os garimpeiros. As autoridades foram alertadas para o que já sabiam: a necessidade de sua retirada da área indígena, no estrito cumprimento da lei e da Constituição. Nada foi feito.

"Ao contrário, elas assistiram impassíveis o afluxo de dezenas de milhares de garimpeiros, como se esse desastre fizesse parte de um secreto plano de governo. E ainda foram retiradas da área entidades religiosas ou civis, como a Comissão para a Criação do Parque Ianomami, que davam assistência médica aos índios, para deixar o garimpo sem peias.

"Os discursos do governador de Roraima —velho caçador de escalpos—, do ministro do Exército e de todos os bugreiros que bebem nas mesmas águas é o mesmo: é impossível retirar os milhares de garimpeiros que por lá vagueiam.

"Convenhamos que é um problema difícil, mas que surgiu pela ação ou omissão das autoridades, que pelo jeito viam com bons olhos a invasão, tanto que a assistiram sem mover uma palha.

"A contrapartida de deixar como está será a solução final do problema dos ianomami: o extermínio. Mais ainda. O uso do mercúrio está transformando os igarapés, há pouco tempo limpos e piscosos, em lagos de águas mortas, de lamas envenenadas. Estivemos na maloca de Paapiú. Parece um cenário da guerra do Vietnã. De cinco em cinco minutos um avião pousa ou decola. Os helicópteros rondam sobre o pano de fundo da selva —300 gramas de ouro por hora de voo. Dali sai uma riqueza de difícil mensuração e que segue pelos descaminhos da fronteira, deixando atrás a morte da natureza e dos homens.

"O posto da Funai está abandonado. Remédios e seringas descartáveis amontados em desordem e misturados a latas de cerveja vazias. O livro de registro é folheado pelo vento. O radiotransmissor sumiu, ninguém sabe como. Os índios entregues aos garimpeiros. Enfim, uma amostra desse esterco em que se transformou nosso país. Doença, desnutrição, mortalidade infantil. A malária, que não existia, agora flagela grande parte da população.

"A catapora deixa na cara dos que sobrevivem o sinal dos tempos de incúria. Junto à ponta da pista, de onde arremetem os aviões para a decolagem, a 50 metros dela, está a maloca dos ianomami, antes cercada pelos vôos dos pássaros e borboletas. O barulho é infernal. Impossível conversar dentro da maloca. Depois do pôr-do-sol os aviões silenciam. Aí —disse um velho índio—, temos um barulho muito pior: são as crianças que choram a noite inteira. De fome."

De lá para cá a situação agravou-se mais. No entanto, surgiu uma esperança com a ação do procurador da República Eugênio Aragão que obteve na Justiça uma liminar mandando retirar os garimpeiros da área.

Só que o governo federal e o do Estado de Roraima não obedecem à decisão da Justiça e o genocídio continua ao lado da degradação da natureza e envenenamento das águas.

Esses fatos me fazem ter vergonha do meu país.

Severo Gomes escreve aos domingos nesta coluna.